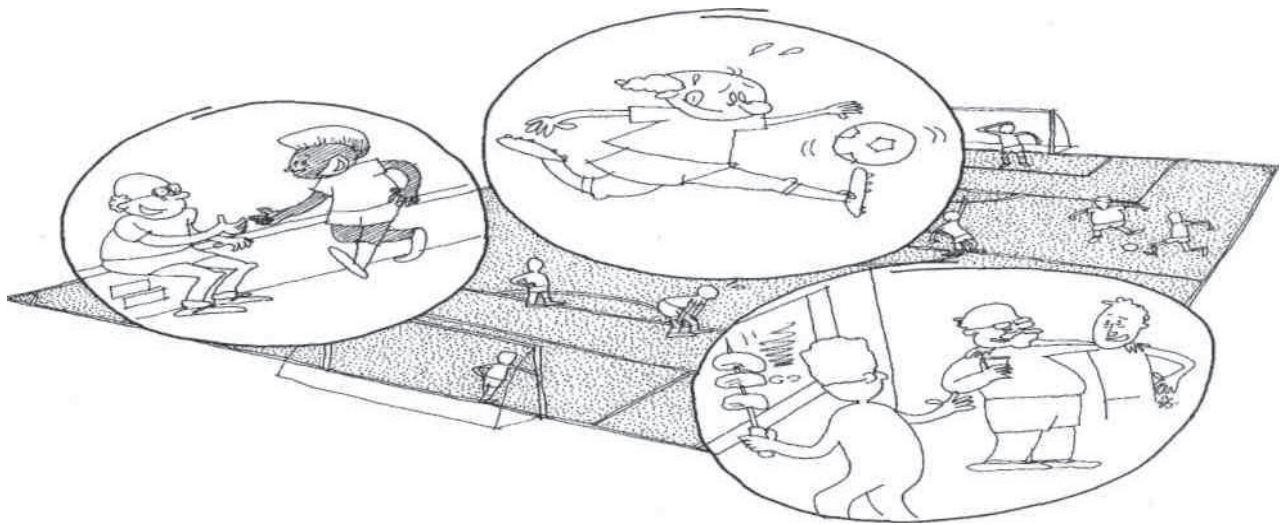


# Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano.

Marco Paulo Stigger\*



No trabalho, é desenvolvido um estudo etnográfico acerca do esporte no cotidiano urbano, focalizando dois grupos de *veteranos de futebol* freqüentadores de espaços públicos da cidade de Porto Alegre.

Interpretando e analisando comparativamente as suas práticas esportivas, busca-se compreendê-las como elementos constitutivos do modo de vida daqueles homens e, a partir daí, estabelecer um diálogo com discursos correntes na Educação Física Brasileira acerca do esporte.

Conclui-se que os discursos correntes — tentativas de caracterização generalizadora — não dão conta das diferentes manifestações do esporte e que os estudos etnográficos podem contribuir para compreender uma variedade de orientações sociais e culturais a ele subjacentes.

Basta circular pelos espaços públicos de Porto Alegre aos finais de semana, para identificar os grupos de *veteranos de futebol* que, aproveitando seus períodos de não trabalho, ocupando os espaços públicos e praticando o esporte da sua preferência, encontram-se como elementos constitutivos da paisagem urbana. Nesses ambientes, esses homens se encontram semanalmente construindo suas redes de relações sociais, tendo na prática esportiva um significativo aspecto das suas vidas.

Neste ensaio, tendo como *locus* os espaços públicos de Porto Alegre e como grupo investigado os veteranos de futebol, pretendo, a partir de algumas das suas representações acerca do esporte que praticam, tecer reflexões sobre o esporte no cotidiano da cidade e no modo de vida da população urbana. Trata-se, acima de tudo, de primeiras aproximações acerca da inserção do esporte no universo dos espaços públicos da cidade.

Assim, é minha intenção interpretar o esporte como um elemento da cultura, inserido no cotidiano da população, considerando, como Geertz (1989), que cultura é um contexto, algo dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos "...podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade" (p.24).

Nesse sentido, estarei optando por privilegiar a interpretação do esporte a partir do contexto onde ele acontece, buscando compreender o seu significado para os seus praticantes. Tentarei, como Magnani (1984, p.11), "...deixar de lado uma postura etnocêntrica e observá-los de perto e em seu próprio contexto, pois se existem é porque possuem um significado para aqueles que os praticam". Estarei assim abrindo mão de interpretá-lo como a maior parte dos estudos sobre o fenômeno esportivo, que o analisam a partir de teorias sociológicas clássicas, as quais, como afirma Laplantine (1993, p.153), priorizam sua atenção para as formas instituídas de atividades sociais, deixando "a vida cotidiana dos homens (...) (como) uma espécie de resíduo irrisório...". Nesse aspecto, vale apontar para as observações de Mandell (1984) quando, ao estudar a "História Cultural do Esporte", chama a atenção em diversas passagens para a falta de registros acerca do esporte na vida cotidiana das populações.

É importante ressaltar que uma das motivações para o estudo é o fato de eu ter durante 4 anos participado de um destes grupos<sup>1</sup> e percebido a riqueza desse convívio, assim como a importância dessas práticas como integrantes do modo de vida desses indivíduos. Foi sempre motivo de minhas inquietações identificar contradições entre os discursos correntes acerca do esporte na Educação Física e as suas representações nas práticas cotidianas. Dessa forma, reconheço de onde estou falando e as dificuldades de distanciamento daí advindas. Mesmo assim, ousou arriscar-me a um esforço no sentido de interpretar o esporte, visto como uma opção de lazer, parte do cotidiano das populações urbanas, tentando identificá-lo na sua prática, nos seus valores e na sua relação com a vida na cidade.

A seguir, apresentarei resultados alcançados a partir - principalmente<sup>2</sup> - do acompanhamento de dois grupos de veteranos de fu-

tebol de Porto Alegre<sup>3</sup> durante um período aproximado de 6 meses<sup>4</sup>, assim como as reflexões daí obtidas. Inicialmente, será desenvolvida uma análise etnográfica do movimento dos veteranos de futebol de uma forma geral, tentando identificar o seu universo de significações. Posteriormente, a mesma perspectiva de análise será feita tratando cada grupo de forma separada, tentando - mesmo reconhecendo as continuidades presentes neste contexto -, apontar para as suas descontinuidades. Finalmente, na forma de síntese, serão tecidas considerações finais tentando refletir sobre os pontos considerados mais significativos, relacionando-os entre si e dialogando com discursos correntes acerca do esporte na Educação Física Brasileira.

#### O UNIVERSO DOS "VETERANOS DE FUTEBOL"

O que poderia ser chamado do *Movimento dos Veteranos de Futebol*, é uma presença, facilmente identificável aos finais de semana nos espaços públicos de Porto Alegre, de grupos de homens de *idade avançada* praticando o futebol.

Reunindo-se normalmente aos sábados - já que "...o domingo tem que ficar para a família..."-, iniciam suas atividades pela manhã com um encontro de *bate-papos* que antecede ao jogo e encerram com um almoço - normalmente um churrasco - que vai até o final da tarde. O encontro após o jogo, pelo menos "...para tomar uma cerveja...", é parte significativa da rotina que mantém os laços de sociabilidade dos veteranos: há um grupo<sup>5</sup> que não tendo campo fixo para jogar, para onde vai leva o equipamento necessário para fazer o churrasco, muitas vezes próximo ao meio fio e ao lado do campo onde jogam. A presença durante todo o período é um fator importante que estabelece a diferença entre quem efetivamente participa do grupo e quem "...apenas vem jogar futebol...": participar do almoço é fundamental, pois muitas vezes "...o time é escalado no churrasco...".

Durante o período em que o estudo desenvolveu, iniciava um campeonato da cidade que tinha como regra básica para participação, estar acima dos 40 anos. Essa idade, exigida e respeitada nesse campeonato, é a referência quando se fala desses grupos de praticantes de futebol, mas na realidade do seu dia-a-dia esse

**Subjacente ao que para nós da Educação Física parece tão familiar, é possível estar escondida uma variedade de orientações sociais e culturais que se pode mostrar como algo de muito estranho.**

princípio não é obedecido. Entre os participantes de um mesmo grupo pode haver desde jovens de 18 até homens de 65, prevalecendo uma faixa etária em torno dos 35 anos, pois com a dificuldade de encontrar efetivamente veteranos para participar dos grupos, de forma geral estes são mesclados com a participação de alguns jovens.

O fato de existir um campo bastante alargado no que se refere à faixa etária deve-se, principalmente, a uma questão de sobrevivência, já que a presença de participantes mais jovens - além de garantirem um número mínimo de pessoas para que possam haver os jogos - representa a continuidade do grupo. Não é difícil serem encontrados jovens de 17/18 anos, *completando o time*, muitas vezes filhos dos veteranos *de fato*. Há também situações em que os jovens são aceitos para jogarem como goleiros, posição em que, mesmo com suas vantagens evidentes no que se refere ao seu rendimento físico, não conseguem desequilibrar os resultados dos jogos.

Num dos encontros, Adão, uma das lideranças e um dos *fundadores* do grupo Ararigbóia, ao mesmo tempo que demonstrava preocupação com a continuidade do grupo - já que muitos vinham faltando aos últimos jogos - lembrou, com nostalgia, de quando aquele grupo iniciou: apontando para um dos jovens que estava jogando, disse que, de certa forma, via-se nele "...no tempo..." em começou a jogar ali.

Para os mais velhos, o jovem representa a continuidade, já que há uma certa rotatividade<sup>6</sup> de participantes causada pelos afastamentos que, por diversas razões, acontecem: outros interesses, incompatibilidades pessoais, compromissos profissionais ou familiares, etc. Além desses motivos, o que mais se percebe são os afastamentos por lesão ou aqueles que, voluntariamente, retiram-se por ficarem insatisfeitos com a sua participação/rendimento nos jogos. Muitas vezes, o desestímulo surge, quando - com o avanço da idade e as renovações que ocorrem no grupo - aqueles que passam a ser os mais velhos não conseguem acompanhar o ritmo de jogo dos demais.

Por outro lado, por parte do jovem, estar jogando entre os "velhos" é estar, de certa forma, construindo sua maturidade, tornando-se adulto.

Essa relação de troca que ocorre pode ser percebida durante todo o tempo e em diversas situações: são as gozações ("...mata o velho...") quando um dos mais velhos não alcança a bola após *um passe* de um jovem; são as críticas dos mais velhos ("...isto é coisa de guri...") às atitudes reprováveis dos jovens de provocar brigas durante os jogos; são comentários muito comuns, do tipo "...quando eu chegar na idade dele quero estar correndo como ele...". Também fatos como o que ocorreu num dos grupos investigados, quando um dos jovens foi acompanhado por vários dos seus companheiros mais velhos para ter a sua primeira experiência sexual numa casa de programas ("...fomos dar um apoio para ele..."), levam a pensar que nesses ambientes jovens e velhos se complementam. Os jovens representam a *continuidade*, tanto na forma objetiva da manutenção do grupo, como - quem sabe - na forma de um alimento ao velho, este que se vê e encontra estímulo no outro. Os velhos representam a maturidade e a expectativa de uma vida futura esperada pelo jovem. Essas suposições vão ao encontro das de Soares (1995, p.24) que, ao estudar os *masters da natação*, questiona:

"Até que ponto, para os que estão na fase adulta-jovem, esta atividade não funciona como uma preparação para o envelhecimento neste novo estilo de vida? E para os velhos (...) não seria uma espécie de alimento da 'fantasia' de imortalidade através do convívio com a juventude?"

Sendo pessoas que gostam do esporte de maneira geral, tendo escolhido o futebol porque "...jogo (jogam) desde guri..." - não raro alguns com experiências profissionais ou semiprofissionais - encontram-se em busca de saúde; "...por prazer..."; para recuperar-se da semana de trabalho, e até vendo nessa prática uma forma de retardar o envelhecimento. Se evidencia também como motivação, encontrar-se "...pela turma..." onde "...o futebol é uma desculpa...".

Vários são os caminhos pelos quais se estabelecem os laços de relações entre os participantes e que os levam a frequentar um ou outro grupo, sendo importante que "...o grupo tem que te aceitar e tu tens que aceitar o grupo...". Na busca dos fatores que os aproximam, identifiquei relações a partir de parentesco<sup>7</sup>, de amizade, e de conterraneidade<sup>8</sup>. Pude ainda perceber que, muitas vezes atravessando a

**Acredito que os resultados obtidos a partir desta breve etnografia levam a questionar as tentativas de interpretá-lo, tendo como referência teorias sociológicas que, aplicadas a diferentes contextos, tentam explicá-lo de forma generalizante, quem sabe na busca de regras e leis sociais.**



cidade e até vindo de municípios vizinhos para estar com aquele grupo, grande parte dos participantes não são moradores do bairro onde se encontram para jogar.

Dessa forma, pela prática esportiva e pelos encontros que ali acontecem, aqueles espaços públicos deixam de ser apenas parques do bairro, para serem *parques da cidade*. Se - como afirmam muitos discursos circulantes sobre a cidade -, é verdade que a urbanização e a industrialização seriam fatores de fragmentação social - característica atribuída por Chauí (1989, p.51) à sociedade moderna - poder-se-ia daí inferir que a prática do esporte nesses grupos funcionaria como um elemento de fortalecimento das redes de relações sociais e do sentimento de comunidade.

Dentre outros fatores pelos quais se estabelecem as relações entre os veteranos, aparece também o desempenho no que se refere ao nível técnico de cada um na prática do futebol, o que surgiu nos dois grupos, mas de forma diferenciada. Esse aspecto está ligado aos significados que os grupos investigados, nas suas escolhas, deram à prática desse esporte, evidenciando-se aí diferenças significativas, as quais se relacionam com outras diversidades.

GRUPO ARARIGBÓIA: ÊNFASES NOS  
RESULTADOS NA IDENTIDADE LOCAL

Com uma existência aproximada de 35 anos, esse grupo desenvolve sua prática esportiva no Parque Ararigbóia, um espaço público localizado no bairro Jardim Botânico, uma parte da cidade atualmente<sup>9</sup> habitada por pessoas de classe média.

Composto por em torno de 17 participantes<sup>10</sup>, seus encontros são aos sábados pela manhã, quando eles recebem seus adversários para disputar partidas de futebol. Após o jogo - na maioria das vezes sem a participação dos seus adversários - ficam juntos para um churrasco que é realizado num salão de festas que alugam, próximo ao campo<sup>12</sup>.

Praticam um futebol com características bem próximas do que está freqüentemente no imaginário da maior parte das pessoas e difundido via meios de comunicação: num campo com medidas oficiais de futebol; jogam partidas com tempo oficial (dois tempos de

45min); entre duas equipes de 11 jogadores; utilizando uniformes que as identificam<sup>13</sup>; com equipamento esportivo pormenorizadamente escolhido<sup>14</sup>; com arbitragem normalmente neutra<sup>15</sup>; e obedecendo às regras institucionalizadas.

Além dessas características próximas do futebol *oficial* facilmente identificáveis por um *olhar de fora*, ao *observar-se por dentro*, pode-se também perceber que praticam o futebol dando especial importância ao resultado do jogo e aos fatores que determinam esse resultado. Os comentários antes e depois dos jogos são bastante direcionados no sentido de avaliação/julgamento no que se refere à *performance* de cada um dos participantes e do grupo como um todo. Isso pode ser identificado em diversos momentos durante a convivência com eles, sendo fator determinante na aceitação no grupo.

Mesmo as gozações que corriqueiramente fazem uns com os outros voltam-se em muito para a desenvoltura de cada um no que se refere à produtividade no jogo, constituindo-se uma forma - às vezes irônica - de avaliação neste sentido: "...o Caco fez o primeiro (gol) da vida dele..."; "...o Haroldo (que havia faltado) não deixou saudades..."; "...o Mineiro jogou contra, perdeu uma pá de gols..."; "...o Tadeu não jogou nada..."; "...Ademir virou cobra cega, não acertou um bote..."<sup>16</sup>.

Nesse ambiente, além da necessidade de saber jogar *bem* futebol, tanto gozar como ser gozado são formas de relacionamento e de aceitação no grupo, sendo importante também saber *praticar o jogo das palavras* que sistematicamente acontece. Se um deles fosse fazer um comentário sobre isso, certamente diria que "...não pode esquentar a cabeça...", levando a pensar que, apesar do tom de gozação, ao que parece há também, muita seriedade naquele contexto.

Talvez duas passagens que antecederam a um mesmo jogo possam ilustrar essa situação de ambigüidade. No primeiro, logo no início da manhã, quando os participantes de uma partida entre os times Ararigbóia e Torino iam chegando à praça, prevalecia um ambiente em que todos os presentes faziam parte de um mesmo grupo e no qual as brincadeiras determinavam o significado do momento: *Cheguei em torno de 9:15 e já estava lá o Adão, senta-*

do no muro do bar. (...) Falamos sobre o campeonato que estava para acontecer e o Adão disse que seriam apenas quatro times. Esse jogo seria contra o Torino, um jogo/treino preparatório entre dois times de veteranos de fato (40).(...) O tempo foi passando naquela conversa e começavam a chegar mais pessoas. O primeiro foi um adversário, um tal Beto(...). Adão recebeu-o com gozações chamando-o de "bixona" e então fui surpreendido pelo fato de que o Beto entrou na brincadeira com bom humor, mostrando-se bem diferente do que parecia ser. Outros veteranos de ambos os times iam chegando (reuniam-se sem distinção de time) e eram sempre recebidos com gozações. O clima do momento era de gozações, sendo que estas cresciam na medida em que chegava outro participante. A gozação maior era dirigida àqueles que há muito tempo não jogam, e foram chamados a participar, por esse campeonato ser para pessoas acima de 40 anos.(...). Como esse campeonato é para maiores de 40, esses que chegam estão "ressurgindo"<sup>17</sup> (é a idéia que transparece), e retomando sua vida esportiva, sendo este o motivo principal das gozações que eram feitas de forma alegre, debochada, festiva e também nostálgica.

Apesar de que dali há alguns minutos estariam disputando uma partida de futebol preparativa para um campeonato no qual seriam adversários, o que prevalecia naquele momento era a confraternização, onde todos se viam como companheiros e pertencentes a um mesmo grupo social.

Logo após, na seqüência do relato anterior, ficou bem mais explícito um ambiente de seriedade e uma preocupação em vencer aqueles que agora seriam seus oponentes. Quando, já no vestiário, preparavam-se para o jogo, em determinado momento o Adão chamou todos para dentro da sala, para a preleção (...). Nesse caso, foram Adão e Pedrinho que conduziram a escalação, ouvindo a todo o instante opiniões/palpites dos demais. Os mais antigos no grupo e os que têm sua posição garantida por jogarem bem, ao que parece, ficam mais a vontade para emitir opiniões. Ficou claro pelos olhares, pelas opiniões, que esse era um momento de avaliação quanto à produtividade de cada um no jogo, onde se pudesse aproveitar as virtudes e compatibilizar com as limitações dos jogadores, levando-se em conta qualidades técnicas, preparo físico, disposi-

ção, etc. Percebi que as virtudes eram colocadas facilmente a público enquanto que as limitações de cada unificavam nas entrelinhas. O primeiro a ser escalado foi um (...) que se destacava por ser bem alto, magro, aparentando boa condição física, com um aspecto jovem para a idade do grupo. Ele foi escalado numa posição importante (zagueiro). Tiveram a preocupação de reforçar a área e o meio de campo com os jogadores mais qualificados: inicialmente o Pedrinho iria para o meio de campo, mas concluíram que ele não seria produtivo ali, sendo então deslocado para a lateral esquerda. O Arno tentou escalar-se para o meio de campo, mas o grupo não concordou: "quem é que vai correr lá na frente?", disse Adão, referindo-se à velocidade que o Arno tem como característica. O Paulo Sérgio parecia que estava tenso, já que estava demorando para ser escalado. Como eu já o conhecia, falando com ele (baixinho), sugeri que ele se escalasse para o meio campo, mas ele -tímido ou intimidado — ficou calado. Logo após, ele foi escalado para a ponta direita, e o Adão, numa postura firme, de quem está no comando e já tem algumas idéias preconcebidas, fez questão de cobrar antecipadamente: "...tá Paulo Sérgio, tu vai pra ponta, mas sem frescura, ...sem frescura... é pra jogar bola"... ", dando a idéia de que exigia seriedade. O Paulo Sérgio, ao que pareceu, submeteu-se à crítica antecipada ficando calado, dando a impressão de que ele estava, de certa forma, intimidado. O meio de campo parecia ser o problema, faltando jogadores para a posição.

Naquele momento em que, num jogo-treino, preparavam-se para um campeonato que estava para iniciar, todas as atenções estavam voltadas para a expectativa que tinham de uma partida de futebol onde as qualidades de cada um e do time seriam testadas. Ficava claro que para ser aceito era necessário saber "...jogar bola...". O que caracterizava aquela situação - diferente da anterior - era a seriedade e uma nova conformidade do grupo (agora dois grupos).

Num dos encontros com Marco, este expressou a ambigüidade existente naquele ambiente, no que se refere a oscilações entre o sério e o não sério: Dizendo que estava a ponto de largar o futebol, ele se queixava do exagerado nível de exigência que havia, tanto naquele grupo como noutra onde joga na quin-

ta-feira (...), no que se refere à participação no churrasco após o jogo, aos pequenos atrasos e à exigência de bom rendimento no jogo. "Um dia que tu não fica para o churrasco e o pessoal reclama..." ; "...cara, eu abro mão de muita coisa para estar aqui, não tenho mais saco para ouvir letra..." ; "...às vezes, deixo a minha mulher na mão, saio correndo de casa e ainda tenho que ouvir letra..." ; "...te passam uma bola e tu não consegue chegar, lá vem reclamação..." ; "...o pessoal tem que se dar conta que estão com 40 anos ... " ; "...se é pra terminar, vamos então armar outro esquema... ". Ele reclamava também da ausência dos demais, dizendo que nunca tinha visto "wo " em casa, já que os adversários estavam ali e os jogadores do Araribóia não haviam chegado(...). Dizia ainda que jogaria mesmo sabendo que seria um jogo ruim<sup>19</sup>. Eu falei sobre o grupo da Redenção, da sua forma de organização, nas diferenças dos grupos no que se refere às exigências de performance ("...lá é mais para brincar... ", eu disse), mas ele não deu muita atenção.

Nesse relato, por um lado Marco demonstrava sua insatisfação com alguns acontecimentos recentes e evidenciava uma postura crítica à seriedade e às exigências que têm caracterizado o grupo. Por outro, ao exigir o comprometimento dos que vinham faltando e ainda por desconsiderar os comentários que fiz acerca do grupo Redenção, pareceu que ele não questionava a necessidade de haver seriedade no grupo do Araribóia. O que ele questionava era o que entendia por uma *excessiva* seriedade que vinha sendo cobrada. Ele também deixava claro que queria participar de *jogos bons*, mas que se sujeitava a também jogar nos *ruins*, apenas colocava em questão o tipo de "...esquema..." atual. Ao defender que "...o pessoal tem que se dar conta que estão com 40 anos...", propunha encontrar um nível de *exigência* e de *comprometimento* compatível com o que ele considerava que deveria caracterizar o grupo.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que se identifica momentos bastante lúdicos nas gozações, há também muita seriedade naquele contexto. O jogo *em si* é bastante sério e muito voltado para a busca de vitórias, o que tem determinado em muito das demais características do grupo.

Essa perspectiva de prática esportiva vai

ao encontro do pensamento de Rybezynski (1991, p.37) quando considera que muitos comportamentos de hoje, comparando com o "...ar simples do passado...", refletem uma atitude diferente em relação ao jogo: "a maioria dos esportes de rua agora são levados com alto grau de seriedade...". O uso de equipamentos especiais, a busca de resultados, uso de terminologia específica, a degradação da palavra "amador" (hoje com sentido pejorativo), seria para ele, uma espécie de escravidão em obter sempre coisas certas, assim como um fator que desvirtuaria a idéia de liberdade do lazer, aproximando-o do mundo do trabalho: "...um tipo de dedicação laboriosa..."(p.38).

Hoje, como afirmou Pedrinho "...o grupo não é mais de veterano, e sim quase *de primeiro quadro*"<sup>20</sup>. Ele apontava para o fato de que, comparado com outras épocas, atualmente a média de idade diminuiu bastante, apesar de manter, em parte, jogadores na faixa etária mais comumente encontrada nos veteranos. A dificuldade de manter um grupo efetivamente de veteranos, assim como de encontrar adversários com essas características, aliadas à valorização/busca de bons resultados, tem levando a uma diminuição da média de idade do grupo. Em consequência, pelas dificuldades em acompanhar o ritmo do jogo dos mais jovens - "...a cabeça manda, mas o corpo não obedece..." -, os mais velhos tendem a se afastar mais cedo. Arno, Pedrinho, Adão e Papá (entre 50 e 60 anos), os que estão há mais tempo no grupo, participam apenas eventualmente e na maior parte das vezes na função de organizadores e mobilizadores.

Arno declarou que agora participa bem menos do que antes, tendo em vista a diminuição da faixa etária do grupo e também uma lesão que tem no joelho, causada por uma situação de violência no jogo. Mostrando diversas cicatrizes nas suas pernas, afirmou que mudou de posição na equipe, agora jogando na lateral esquerda (era ponteiro esquerdo), justificando essa mudança pela violência que sempre sofreu: "...apanhei muito..."; "...não estou mais disposto a isto...". Na sua opinião, é o lateral que determina a violência (ou não) no jogo e que jogando na lateral ele não sofre nem é causador de violência. Afirmou ainda, expressando a forma não violenta com que gostaria de jogar e também conformando-se com as suas limitações atuais: "...se o ponta passar por mim,... passou...". Num outro en-

**Através de determinada dinâmica e de regras estabelecidas por todos e cumpridas a partir da autoridade atribuída a alguns, os veteranos da Redenção fizeram uma escolha: praticar um futebol onde, mais importante do que os resultados dos jogos, está a participação de todos e a manutenção do grupo.**

contro, ao mesmo tempo que comentava com entusiasmo a sua boa atuação num dos jogos do campeonato, destacava que aquele jogo tinha muito mais sentido para ele, já que era apenas de veteranos. Quando disse que "...fazia tempo que (...) não tinha uma alegria tão boa no futebol,...me consagrei...", chamava atenção para o que ele havia conseguido fazer de positivo no jogo, mas que entre os jovens já não consegue realizar.

Por motivos como esse, conforme informações de Arno, alguns já estão pensando em formar um novo grupo apenas para os mais velhos. De forma semelhante, Marco abre a possibilidade de "...armar um outro esquema...", o que leva a pensar que estes participantes, com o passar do tempo e pelo não acompanhamento das exigências do significado que o grupo deu ao futebol, são induzidos a se afastar.

Apesar do clima competitivo bastante presente, jogam também pela busca de prazer pelas boas ações técnicas realizadas, onde "...não tem cabimento a confusão (...) estamos aqui para jogar bola (...) não tem sentido se incomodar por uma briga de uns guris de 15 anos...". Na disputa - às vezes bastante acirrada e até violenta -, há uma preocupação com a lealdade nas ações do jogo: "...tem que matar a jogada sem machucar o cara..."<sup>21</sup>.

Parece que a competição esportiva é o momento mais sério de uma convivência que se mantém oscilando entre o sério e o não sério; a competição e a atividade lúdica; relações em que ora são companheiros (do mesmo grupo), ora são adversários (de grupos diferentes). Porém, naquele ambiente estão presentes outros significados além do que acontece dentro do campo e nos 90 minutos de jogo. Eles estão naquele lugar também em busca de momentos alegres do encontro com amigos, onde um *sentimento de pertencer*<sup>22</sup> fica bastante evidente.

O Veterano do Ararigbóia é um grupo que tem tradição na cidade, sendo bastante conhecido (e reconhecido) por aqueles que praticam futebol na *várzea*. Nos seus comentários, pode-se perceber que pertencer ao grupo e à praça, por onde já passaram jogadores famosos como Cláudio Duarte (fez parte do grupo, afastando-se por motivos profissionais) e Figueroa<sup>23</sup> (participou várias vezes como adversário), é motivo de orgulho.

Também a praça - sua "...casa..."<sup>24</sup> - onde jogam há muitos anos é razão desse sentimento, evidenciado em situações como na reclamação pública de João Luis - e compartilhada pelos presentes - acerca de uma de suas insatisfações com o grupo: "...estamos perdendo identidade com a praça...". Arno, ao comentar que a praça estava interessante e que agora não há mais a presença de marginais<sup>25</sup>, expressava, além de uma valorização daquele local, um sentimento de que muito do que ocorria na praça era fruto de um esforço comunitário: "...o que a Prefeitura não conseguiu, agora a população conseguiu...". Pela relação estabelecida com aqueles homens, o Parque Ararigbóia adquire um caráter de seu "pedaço", na perspectiva colocada por Magnani (1984, p.137): "...um componente de ordem espacial, a que corresponde uma rede de relações sociais".

Outra evidência das relações que aquele grupo tem com a vida comunitária naquele local é o fato de que Pedrinho, umas das lideranças dos veteranos, é o Presidente da Associação dos Amigos do Parque Ararigbóia, entidade da sociedade civil que se tem, já há algum tempo, relacionado com o poder público em busca dos interesses gerais daquela comunidade. Foi com orgulho que Pedrinho declarou, falando do ginásio de esportes recém-construído: "...isto foi conquista do Orçamento Participativo"<sup>26</sup>.

GRUPO REDENÇÃO: DINÂMICA E  
REGRAS PRIORIZANDO A  
PARTICIPAÇÃO

---

O Parque Farroupilha, denominado popularmente de "Parque da Redenção", fica no bairro Bonfim, próximo ao centro de Porto Alegre. Com uma área de aproximados 30ha, constitui-se um espaço público muito importante no que se refere ao lazer da população, já que abriga durante todos os dias da semana e finais de semana, inúmeros grupos e atividades no seu interior. Dentre estes, ocupando um pequeno espaço num dos ângulos da forma triangular do parque, encontra-se o grupo de futebol dos veteranos, o qual denominei de "Grupo Redenção"<sup>27</sup>.

Há aproximadamente 15 anos<sup>28</sup> em atividade, têm o que denominam de uma "Associação"<sup>29</sup> que atualmente ocupa aquele espaço aos sábados e domingos pela manhã e também às quartas-feiras pela tarde (16h), sendo



o sábado o dia em que se concentra o maior número dos seus em torno de<sup>30</sup> 40 integrantes.

Nesses dias, praticam *futebol-pelada*, como nesses espaços é denominado pelas suas características diferenciadas das do futebol *oficial*: jogam partidas de dois tempos de 30min; entre equipes de sete jogadores; num campo de dimensões aproximadas de 20x40m; demarcado por referências que o espaço oferece<sup>31</sup>; obedecendo regras do futebol adaptadas a sua realidade/interesses; sem utilização de uniformes<sup>32</sup>; e sem equipamentos específicos para a prática do futebol<sup>33</sup>.

Dessa forma, as equipes sempre são formadas a partir da ordem de chegada dos participantes, sendo que os 14 primeiros a chegarem ao campo são divididos em dois times. A partir daí, iniciam seu dia de jogos, sendo que o time vencedor tem o direito de continuar no campo para jogar contra o time formado pelos que chegaram depois. Caso estejam dois times esperando para jogar, o vencedor também é obrigado a dar seu lugar.

Com essas características e dinâmica de funcionamento do grupo, pode-se identificar, num primeiro olhar, uma prática de futebol diferente do que na maioria das vezes está presente no senso comum e até no mundo acadêmico quando fala-se em esporte, ou seja: equipes organizadas a partir de um selecionamento antecipado; utilizando uniformes; se confrontando dentro de campos oficiais; com regras institucionalizadas.

O grupo da Redenção, apesar de valorizar a capacidade técnico-desportiva de cada um, fez a sua escolha no sentido de privilegiar a participação de todos naquela prática. Se por um lado mesmo as gozações e os comentários são bastante direcionados para avaliações técnicas dos participantes - "...o Alemão melhorou muito..."; "...aquele só sabe dar balão..."; "...aquele sabe botar a bola no chão..." -, por outro, essas mesmas atitudes que avaliam e são determinantes na divisão das equipes não têm um caráter selecionador no sentido do acesso (ou não) à prática do futebol com aquele grupo. Apesar de eu ter ouvido inúmeros comentários como os citados anteriormente, em nenhum momento eles apareceram como fator que determina a possibilidade de alguém ser aceito ou não naquele contexto.

Isso fica evidente quando, sem que tenha sido observada nenhuma restrição à participação por essa perspectiva, identifica-se diferenças bastante visíveis entre os participantes no que se refere às suas possibilidades de rendimento esportivo: a faixa etária é bastante alargada (entre 32 e 65 anos); suas habilidades demonstradas apontam tanto alguns com experiências esportivas anteriores no futebol como para outros que não as têm; uns apresentam boa condição físico-atlética, conseguindo manter-se em atividade durante todo o jogo, enquanto outros - inclusive obesos - jogam num ritmo bastante lento. Com essas características, todos os frequentadores têm os mesmos direitos quanto à participação nos jogos, sendo a ordem de chegada ao campo principal critério para tal.

Logo no primeiro encontro, chamou-me atenção um dos participantes, o Castelhana, por ser bastante obeso e muito lento nos seus movimentos no jogo. Demonstrava muitas limitações na prática do futebol e mesmo comprometendo o resultado da sua equipe, participava normalmente e sem ser discriminado. Ele era motivo de muitos comentários e gozações por parte dos *torcedores*<sup>34</sup>. Quando fez uma boa jogada (driblou um adversário e deu um bom chute a gol), o comentário, apesar de ser um elogio, apontava também para as suas limitações e dirigia-se, como gozação, também àquele que sofreu o drible: "...foi driblado pelo Castelhana..."; "...imagina se ele (o Castelhana) faz este gol...".

Parece que o grupo o vê como alguém que não joga muito bem futebol, mas mesmo assim ele demonstra ser uma de suas lideranças: várias vezes lhe foi solicitado arbitrar jogos; numa das vezes que arbitrou, apesar de cometer supostos erros e ser contestado pelos que jogavam, conseguia se impor com facilidade; num dos encontros, junto com outros veteranos, decidia acerca dos próximos almoços; era sempre motivo de muitas gozações, mas também aquele que mais gozava dos demais, centralizando muito da atenção do que ali acontecia.

Além dessa, outras evidências demonstram que as qualidades técnicas pouco interferem no direito de participação no grupo: Heitor, um dos mais velhos (64) e dos que têm menor rendimento no jogo, também se destaca como uma das lideranças, sendo muitas



vezes responsável pela formação das equipes - "...aqui eu tenho cadeira cativa...eu que es calo o time..."; Caxixa (56), jogando quase sem se movimentar, esteve presente em todos os encontros e participava sem que houvesse nenhuma restrição; Gazela, apesar de ser sistematicamente motivo de gozações pelos erros do seu futebol "...dispersivo...", participa do grupo já há muitos anos; já no primeiro encontro, quando eu estava apenas observando o jogo e sem que tivesse me apresentado ao grupo (portanto não conheciam minha desventura na prática do futebol), fui logo convidado a jogar.

**Foi sempre motivo de minhas inquietações identificar contradições entre os discursos correntes acerca do esporte na Educação Física e as suas representações nas práticas cotidianas.**

Vale destacar que as gozações por vezes<sup>35</sup> podem chegar ao excesso, levando aquele para quem são dirigidas à irritação, o que pode ser uma forma de constrangimento para a participação no grupo. Da mesma forma não conseguir um *rendimento mínimo*<sup>36</sup> para acompanhar o jogo é um tipo de constrangimento para a participação: num dos encontros, identifiquei, assistindo aos jogos, um ex-participante que já não jogava com o grupo por considerar - pela sua idade avançada (acima dos 70 anos) - que já não tinha condições de acompanhar o ritmo dos demais.

Mesmo com esses constrangimentos, o que prevalece é que as qualidades técnico-desportivas de cada um são - principalmente - a referência no momento da divisão das equipes<sup>37</sup>, onde o importante é que "...o jogo tem que ser parelho...", voz consensual naquele contexto. Apesar das divergências de opiniões e de alguns por vezes defenderem seus interesses nas escolhas, a idéia central é de que os jogos devam ser equilibrados: "...vamos misturar isso aí porque o jogo tem que ser parelho..."; "...até é bom que um de fora venha reforçar o time que ficou"<sup>38</sup>, porque eles estão cansados...". Essa foi a forma que o grupo encontrou para, a partir de uma certa dinâmica, conseguir que os jogos aconteçam numa perspectiva determinada. Sem ser fator de inclusão ou exclusão do grupo, a referência aos atributos esportivos é uma forma de garantir jogos bem disputados.

Mesmo assim, os resultados dos jogos não parecem ser muito importantes, na medida em que pouco determinam a dinâmica do grupo. Apesar do time vencedor ter o direito de permanecer no campo, normalmente não é isto que acontece, pois quase sempre há dois

times esperando para jogar. Um exemplo da pouca importância dada aos resultados é o que ocorreu numa partida, quando aquele que estava arbitrando - e que jogaria logo após - tentou encerrar o jogo antes do tempo previsto, considerando que o resultado (12x2, faltando apenas 5min para terminar) já estava definido. Mesmo o jogo estando decidido, todos os que estavam jogando (vencendo ou perdendo) exigiram jogar até o final.

Mais do que valorização das habilidades técnicas e dos resultados, parece que eles estão em busca do que é, para Dunning e Elias (1992, p.137), algo presente em muitas sociedades: uma "...agradável tensão-excitação, como peça fundamental de satisfação no lazer". Os autores consideram que seja adequado abandonar "...o sentido negativo do conceito convencional de tensão e substituí-lo por outro que permita uma tensão ótima normal...". Apontam ainda, citando o exemplo do futebol, que se a

"...tensão, se o tônus do jogo se torna demasiado fraco, o seu valor enquanto fato de lazer diminui(...). Se a tensão se torna demasiado elevada, pode proporcionar bastante excitação aos espectadores, mas também ocasiona (...) graves riscos para jogadores e espectadores."

Na mesma perspectiva, nos jogos entre os veteranos da Redenção, outras regras e estratégias determinam até que ponto devam ir suas disputas: a autoridade de quem está arbitrando (qualquer participante, voluntariamente pode arbitrar) é bastante preservada, sendo falta grave no grupo contestá-lo de forma desrespeitosa; há sanções por jogo violento ou comportamentos considerados inadequados, que são aplicadas tanto durante o jogo (exclusão por 3 ou 5min) como por períodos de participação no grupo (suspensão por 15 ou 30 dias); algumas lideranças têm *autoridade formal* para suspender os faltosos e inclusive para suspender o jogo quando considerar conveniente. Um exemplo dessas regras está bem evidente neste relato, de um fato que ocorreu logo após uma discussão durante um jogo: *Quando pude perceber, o jogo já havia sido suspenso por determinação do Presidente da Associação, ele que estava jogando e que veio sentar-se ao meu lado, dando-me a oportunidade de perguntar sobre o ocorrido. Conforme sua informação, a decisão de interromper o jogo é uma atribuição sua, do Vice-presidente ou do Tesoureiro, nesta ordem de hierarquia, caso*

julgem necessária. Nesse caso, conforme declarou, sua decisão foi no sentido de que todos "...esfriassem a cabeça..." e ainda disse que os causadores já estavam punidos com 30 dias de suspensão. Como eu me surpreendi, tanto com o poder que o Presidente tem (principalmente porque ele estava jogando naquele momento) como com a dureza da sanção, argüi se esta não seria muito forte e se realmente seria cumprida. Ele afirmou que sim, citando exemplo de um participante que havia sido punido por 15 dias e retornaria amanhã "...numa boa... ". Logo aproximou-se o Grego/Tesoureiro e, sem saber a opinião do Presidente, defendeu a idéia de uma punição por 15 dias. O Presidente contestou sem muita convicção, sendo que Grego repetiu sua opinião, parecendo que esta prevaleceu. Logo após o fato ocorrido, identifiquei os protagonistas daquela situação conversando e numa atitude amigável. As decisões das lideranças, tanto de suspender o jogo como da suspensão dos faltosos (logo colocada a público), não foram contestadas.

Naquele sábado, apesar de todos terem esperado toda a semana para jogar, em torno de 11 h - muito antes do que ocorre normalmente -, as atividades do grupo foram encerradas. Pode-se daí inferir que através de determinada dinâmica e de regras estabelecidas por todos e cumpridas a partir da autoridade atribuída a alguns, os veteranos da Redenção fizeram uma escolha: praticar um futebol onde, mais importante do que os resultados dos jogos, está a participação de todos e a manutenção do grupo. Quando o Presidente declarou que sua atitude tinha o objetivo de que todos "...esfriassem a cabeça...", ficou evidente que as regras, cumprindo um papel objetivador de um pensamento, funcionam também como elemento que garante a manutenção do grupo. Para participar, é necessário adequar-se a esses significados, os quais são determinantes no que se refere à aceitação naquele contexto.

Numa outra perspectiva, apesar de vários afirmarem que ali "...todos são profissionais liberais...", não foi possível identificar que a aceitação no grupo tivesse como referência principal a posição social de cada um, já que, nesse sentido, ficou evidente uma grande diversidade de participantes. Sem que se pudesse perceber atitudes de discriminação<sup>39</sup>, naquele grupo conviviam indivíduos de várias profissões e extratos sociais. Identifiquei desde

pessoas de um nível social baixo (um desempregado, até há pouco tempo porteiro de um edifício) até empresários (um proprietário de uma construtora), havendo ainda um grupo intermediário (um eletrotécnico; um funcionário público federal; um vendedor de seguros; um corretor de imóveis; um médico; um advogado). Ao que parece, esses homens estão unidos por laços de *sociabilidade* como uma forma autônoma ou lúdica de associação, como apresenta Simmel (1983): um jogo simbólico liberado de laços de conteúdo, onde algumas diferenças sociais são reelaboradas.

Mesmo assim, o termo "...profissional liberal...", bastante evidenciado por eles, representa que aquele "...é um grupo seletivo...", onde "...todos são gente boa...", que têm suas profissões. Apesar de estarem num ambiente do mundo não sério do lazer, de certa forma eles se reconhecem pela vida que têm no mundo sério do trabalho. Essa interpretação leva a dúvidas e reflexões que estão no mesmo contexto das de Rybezynski (1991, p.52), acerca do fim-de-semana:

*"Nós inventamos o fim-de-semana, mas a nuvem negra de velhos tabus ainda perdura sobre os feriados, e a combinação do secular com o sagrado nos deixa incomodados. Esta tensão só compõe a culpa que nós continuamos a sentir sobre não trabalhar, e leva ao sentimento de negação que o nosso tempo livre deveria ser usado para algum propósito maior do que simplesmente ter prazer. Nós queremos prazer mas temos medo dele. Será que nós trabalhamos para ter lazer, ou vice-versa? Não tendo certeza da resposta, nós decidimos manter as duas separadamente.(...) Nós passamos semanalmente de uma para outra - do mundo de trabalho mundano, comunal, altamente impessoal, com alta demanda, altamente burocrático, para um mundo de lazer refletivo, privado, controlável, e de consolo. O fim-de-semana: nosso e não nosso, é por ele que nós esperamos durante toda semana."*

#### SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Os dados e as interpretações apresentadas até aqui, acredito, focalizaram semelhanças e diferenças entre os grupos estudados. Neste tópico, pretendo apresentar, em forma de uma síntese comparativa, os aspectos ob-

servados que considero mais relevantes e que, de forma especial, conduziram-me às conclusões.

Caso os grupos fossem observados por um olhar focalizado para o que têm em comum, poderia ser dito apenas que *praticam futebol*. Sem nenhuma dificuldade, poderia ser dito ainda que praticam futebol de forma bastante semelhante ao que ocorre no futebol oficial. Entre outras características: dividem-se em equipes oponentes, portanto *há competição*; utilizam vestimentas que as diferenciam, portanto *há uniformes*; visam defender seu gol e atacar o do oponente, portanto *há estratégias táticas*; buscam a vitória, portanto *há busca de rendimento e superação*; usam regras para jogar, *semelhantes/inspiradas no futebol oficial*; utilizam dinâmica para determinar o funcionamento do grupo, *semelhantes aos regulamentos das federações*; e têm, nas *avaliações técnico-desportivas* dos participantes, referências quanto ao funcionamento do grupo.

Acredito que essas características - consideradas como categorias de análise -, se observadas de forma *absolutizada*, ou em outras palavras, sem considerar suas variabilidades internas, mais obscurecem do que emprestam visibilidade a esses grupos e ao futebol que praticam. Se assim fossem analisados, seria difícil diferenciar uma *final de copa do mundo de futebol*, de uma *pelada* à beira da praia entre amigos num final de semana.

Por outro lado, voltando o olhar para as diferenças e observando-se também o que acontece *fora do campo* a partir do significado que é dado pelos seus praticantes, podem ser identificados outros aspectos importantes no sentido de enriquecer a compreensão acerca de como se insere o esporte no modo de vida daqueles homens.

O grupo da Redenção, nos seus jogos de âmbito interno, mesmo encontrando inspiração no esporte formal, utiliza regras e dinâmicas no sentido de garantir o acesso a todos a manutenção do grupo, buscando uma prática de futebol controlada no que se refere ao nível das disputas. O grupo Ararigbóia, nos jogos sempre realizados contra outros grupos, enfatiza a competição, visando aos resultados, o que leva muitas vezes a situações de violência.

Entre os veteranos da Redenção, o comparecimento aos jogos acontece de forma espontânea, em dias e horários mais convenientes a cada um. É necessário manter uma certa regularidade nos períodos previstos para ser reconhecido como participante do grupo, mas cada um jogará mais ou menos tempo, dependendo, principalmente, do horário em que chegar ao campo. Dessa forma, a participação naquele grupo está ligada a uma centralidade lúdica que se sobrepõe à seriedade do mundo do trabalho. De outra maneira, no grupo do Ararigbóia, as regras - explicitadas informalmente pelas cobranças de desempenho, pela exigência da presença sistemática nos jogos e inclusive pela participação no churrasco -, dão àquela atividade um caráter de seriedade encontrado no mundo do trabalho. O comparecimento nos dias e horários determinados assume um caráter de compromisso, na medida em que a ausência compromete o resultado do time em cada jogo.

As avaliações técnico-desportivas são uma forma de encontrar o equilíbrio nos jogos no grupo da Redenção, tornando-os interessantes por um nível *ótimo* de disputa almejado, mas sem serem fator de inclusão ou exclusão naquele contexto. Já entre os veteranos do Ararigbóia, a aceitação é condicionada ao rendimento esportivo do candidato, o qual determinará também, numa perspectiva hierarquizada, sua participação/condição como jogador *titular* ou *reserva* do time.

Observados pela relação que têm com o contexto (praça, bairro) onde se encontram, evidenciam-se também diferenças. Enquanto o grupo Redenção, mesmo com muitos anos de atividade naquele local, não apresenta uma relação de pertencimento que chame a atenção, o grupo Ararigbóia se constitui uma *marca* significativa daquele local, tal a sua influência e visibilidade, tanto na relação com aquela comunidade como com o poder público ali instalado<sup>40</sup>.

Apesar dos dois grupos praticarem o futebol por sua escolha e no seu tempo livre, poderia dizer-se, a partir do pensamento de Dunning (1992), que no grupo da Redenção prevalece um "*ethos* amador" cujo "...componente principal é o ideal da prática de esportes 'por divertimento'..." (p.313), "...'dirigidos para si próprio' ou 'egocêntrico'..." (p.312) e "...que têm o seu acento tônico no



prazer..." ( p.321). Um sentimento de *jogar-por-jogar* pode estar implícito na ausência de qualquer outro mais significativo que poderia ter sido observado.

Ainda na perspectiva de Dunning (1992), os veteranos do Ararigbóia praticam um futebol com maior orientação para os resultados, onde "...as formas de participação são 'dirigidas para os outros'..." (p.317), seus adversários. A participação do campeonato é uma escolha que, "...dirigindo-se para as satisfações relacionadas (...) com a identidade e o prestígio..." (p.322), ressalta um sentimento de pertencer bastante presente, mas também aponta para

"...constrangimentos que atuam contra a criação de um prazer imediato, de curta duração, que vão contra à prática desportiva encarada como um 'fim em si mesmo', levando, pois, à sua substituição (...) por objetivos a longo prazo" (p.322).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que concluo este ensaio, faço algumas considerações mais no sentido de expressar dúvidas, do que apresentar posições definidas acerca de questões que considero importantes quando se trata de interpretar o esporte, visto como uma prática social e elemento da cultura contemporânea.

Acredito que os resultados obtidos a partir desta breve etnografia levam a questionar as tentativas de interpretá-lo, tendo como referência teorias sociológicas que, aplicadas a diferentes contextos, tentam explicá-lo de forma generalizante, quem sabe na busca de regras e leis sociais.

Os veteranos do Ararigbóia e da Redenção, apesar de serem de contextos e constituição de grupo semelhantes, apresentaram uma diversidade de aspectos, os quais, em certa medida, contrapõem-se a alguns discursos que circulam e que têm repercutido no meio da Educação Física Brasileira. São discursos acerca do esporte que, sem serem necessariamente ligados a algum autor em particular, estão presentes na fala de alunos a professores da área.

Os resultados obtidos nesta investiga-

ção levam a pensar que é difícil aceitar as interpretações que delimitam dimensões do esporte, tentando caracterizá-lo a partir do tempo e/ou do local onde ele é praticado. Nessa perspectiva, as conceituações *esporte-educação* (o que acontece na escola), o *esporte-participação* (o que é realizado no tempo livre), e o *esporte-performance ou de rendimento* (atividade esportiva competitiva dos clubes e federações) seriam suficientes e expressariam com grande autonomia as diferentes características das diversas manifestações esportivas.

Também não é fácil concordar com as visões que o explicam *apenas* (ou dão ênfase suficientemente obscurecedora) pela lógica do capital e da ideologia dominante, supostamente difundida de forma homogênea e homogeneizadora pelos meios de comunicação de massa. Para elas, o esporte seria fundamentalmente determinado pelas características do esporte formal e mais um elemento de reprodução de valores/princípios - competitivos, de rendimento, hierarquizadores, burocráticos, alienantes - que estariam relacionados à desigualdade e exclusão social.

Mesmo reconhecendo que elas apontam para aspectos que estão bastante presentes e relacionados com a realidade esportiva, ambas as formas de explicá-lo, acredito, tentam generalizações acerca de um fenômeno que, apesar de apresentar muitas continuidades, traz consigo grandes diversidades nas suas práticas. Isso se for interpretado - sem etnocentrismos - a partir do significado que têm para os seus praticantes, de forma especial no âmbito do lazer.

Por exemplo, o Grupo Ararigbóia, sem encontrar sua explicação no tempo e local onde acontece - esporte participação -, talvez pudesse sustentar empiricamente a perspectiva dos que analisam o esporte a partir do capital e da ideologia dominante. Mesmo estando no seu tempo livre, esses veteranos praticam um futebol que tem uma lógica bastante próxima do que é propalado acerca do esporte oficial/rendimento/performance. Entre outras características que o grupo apresenta, está a exigência de ter um rendimento esportivo adequado à competição, sendo vetada a participação daqueles que não o possuem, já que os jogos são voltados para a busca da vitória, disputados muitas vezes de forma violenta. Por outro lado,

***Dentre outros fatores pelos quais se estabelecem as relações entre os veteranos, aparece também o desempenho no que se refere ao nível técnico de cada um na prática do futebol, o que surgiu nos dois grupos, mas de forma diferenciada.***

esse mesmo grupo demonstra uma relação com o espaço público e uma inserção na vida comunitária do bairro, bastante diferente do que se poderia esperar se fosse interpretado pela lógica *alienante* da ideologia dominante.

Já o olhar voltado a partir do tempo e local onde o esporte acontece, poderia encontrar sustentação empírica na prática do grupo da Redenção, o qual, no seu tempo livre, o pratica privilegiando a participação de todos. Diferente do que é difundido a partir da lógica da exclusão social, nesse grupo, priorizando momentos de fruição na prática do esporte, o importante para participar é estar presente no horário/período em que acontecem os jogos, sendo que, a partir disso, todos têm os mesmos direitos de participar independente da sua performance esportiva. Por outro lado, não demonstrando nenhuma relação com a vida comunitária do bairro, sua prática - priorizando apenas o divertimento - poderia ser interpretada pela lógica do capital e da ideologia dominante, como uma característica alienadora do esporte e de manutenção da força de trabalho.

A partir dessas observações e mesmo considerando os limites dessa investigação, acredito que aqui estão apresentadas algumas evidências da dificuldade de explicar um fenômeno social e cultural reduzindo-o a análises que não consideram a multiplicidade de processos que ocorrem tanto dentro como fora do *campo de jogo*. Penso que, neste texto, sustentado nas apropriações que os atores fazem e no sentido que dão ao futebol, pode-se identificar interpretações que ora confirmam, ora contradizem, ora complementam as que estão mais em evidência no meio da Educação Física Brasileira. Mais do que apenas praticar futebol, esses homens encontram, nessa prática, algo que -junto com outras experiências - faz parte do seu *estilo de vida*.

Subjacente ao que para nós da Educação Física parece tão *familiar*, é possível estar escondida uma variedade de orientações sociais e culturais que se pode mostrar como algo de muito *estranho*. Talvez os estudos etnográficos venham a contribuir para que possamos nos *estranhar* com o esporte e identificarmos um pouco mais de suas nuances.

Nesse sentido, considero, apropriadamente de Geertz (1989), que a cultura de um povo

é um conjunto de textos que se "...tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem" (p.321) e

"Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado" (p.20).

Reconhecendo também que o argumento *eu vi e eu ouvi*<sup>41</sup> é insuficiente como validação, procurei neste texto - ao inserir propositalmente muitas descrições -, dar espaço para outras possíveis interpretações, tentando assim oportunizar o surgimento de um outro sujeito além do autor e dos informantes: o leitor. O tom reticente do texto expressa esta vontade...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASAL, Adolfo Yíáfiez. *Para uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. Cultuar ou Cultivar. *Revista Teoria e Debate*. São Paulo, n.8, out / dez, 1989.
- DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. p.299-325.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1978.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel 1992.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Editora Documentos, 1969.
- MANDELL, R. D. *História Cultural dei Deporte*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 1986.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no Pedaco - Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RYBEZYNSKI, Witold. Waiting for the Weekend. *The Atlantic Mounthly*. v.268, n.2, p.35-52. 1991.
- SIMMEL, G.. Sociabilidade - Um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO,

**Eles estão  
naquele lugar  
também em  
busca de  
momentos  
alegres do  
encontro com  
amigos, onde um  
sentimento de  
pertencer<sup>22</sup> fica  
bastante  
evidente.**

E. (org). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. p.165-181.

SOARES, Antônio Jorge. "Jovens Velhos" esportistas eternamente? *Movimento*. Porto Alegre: Escola de Educação Física/UFRGS, n.3, p. 17-26, 1995.

NOTA

<sup>1</sup>Participei do grupo Ararigbóia de 1985-1989.

<sup>2</sup>Principalmente, pois durante este período tive contatos eventuais com outros grupos.

<sup>3</sup>O grupo Ararigbóia e o grupo Redenção, os quais desenvolvem suas atividades em parques públicos que têm essas denominações.

<sup>4</sup>De março a agosto de 1996.

<sup>5</sup>Não identifiquei o nome, mas é motivo de comentários entre os veteranos.

<sup>6</sup>Não muito evidente, pois os grupos costumam manter-se sem grandes mudanças por muito tempo. O grupo Ararigbóia e o grupo da Redenção existem há aproximada e respectivamente 35 e 15 anos e neles ainda jogam alguns dos "fundadores". Não é difícil serem encontrados outros participantes freqüentando há 5, 10, 15 anos.

<sup>7</sup>No grupo Ararigbóia, jogam Adão e Marco (irmãos); Pedrinho e Nando (pai e filho); Papá e João Luis (sogro e genro). No grupo da Redenção, jogam Grego e Turco (pai e filho). Além desse parentesco formal, há também formas de compadrio informal.

<sup>8</sup>O grupo da Redenção se originou a partir de indivíduos, vindos da cidade de Livramento para a capital, que passaram a se encontrar via futebol. Até hoje, conforme afirmam, 50% a 70% dos freqüentadores são originários de Livramento.

<sup>9</sup>Na época em que o grupo foi criado, essa região fazia parte do que se poderia denominar de "periferia urbana".

<sup>10</sup>Digo "em torno", por não ter identificado exatamente quantos participantes tem o grupo, já que, naquele período, além de estarem num momento de muitas faltas no grupo, havia o campeonato, para o qual algumas pessoas foram convidadas a participar como integrantes eventuais.

<sup>11</sup>Sua rotina inicia em torno das 10:30h, quando se encontram, indo até aproximadamente 17h, quando encerra o churrasco/almoço.

<sup>12</sup>Pelos cálculos que fiz, entre o aluguel do salão e o churrasco, cada participante tem, aos sábados, um gasto aproximado de R\$25,00.

<sup>13</sup>O "time" do Ararigbóia tem mais de um conjunto de uniforme, inclusive com agasalho esportivo, nas

cores tradicionais verde-branco, com nome/símbolo bordado.

<sup>14</sup>Dentro das condições financeiras de cada um, utilizam equipamentos esportivos de qualidade e marcas reconhecidas como chuteiras, caneleiras, ataduras ou tornozeleiras, e ironizam os adversários que comparecem sem o que consideram um mínimo de equipamento adequado: "...não vai marcar jogo com um daqueles times de tênis...".

<sup>15</sup>Normalmente, algum freqüentador da praça sem vínculo com nenhuma das equipes.

<sup>16</sup>Esses comentários e muitos outros que poderiam ser citados, foram retirados de diários que o grupo manteve durante algum tempo, onde são registrados os resultados de cada jogo e comentários acerca da participação do time e de cada um naquele dia. Dentre outras gozações, destacam-se quantitativamente as que, como essas, são formas de avaliação da performance no jogo. Ainda, na maior parte dos diários consultados, estava registrado o "craque da partida".

<sup>17</sup>Ou "renascendo", o que vai ao encontro à idéia de continuidade, apresentada nas páginas 4 e 5.

<sup>18</sup>"Jogar bola...", no sentido dado por Adão e pelo grupo, significa jogar com competência, seriedade e para ganhar o jogo; em outras palavras: sem brincadeira.

<sup>19</sup>Nesse grupo, dizer que "o jogo é ruim" normalmente significa que o adversário ou é fraco, ou é desorganizado. "Jogo bom" é aquele que é bastante disputado, contra grupos organizados (bem uniformizados, que chegam no horário, etc).

<sup>20</sup>No *futebol de várzea* de Porto Alegre, quando um determinado grupo tem 1º quadro, 2º quadro e Veteranos, significa ter, respectivamente: um time dos melhores jogadores, normalmente em idade adulta-jovem, onde se concentram aqueles que têm as melhores qualidades técnico-desportivas; um 2º time em qualidades técnico-desportivas, normalmente com jogadores mais jovens; e os veteranos, os mais velhos, que - em vista da idade - não conseguem acompanhar o mesmo ritmo de jogo dos demais. Não é o caso do Ararigbóia, pois esse grupo tem apenas o time de veteranos.

<sup>21</sup>"Matar a jogada", no sentido dado à declaração, significava fazer intencionalmente uma jogada faltosa para interromper o andamento do jogo, mas não ser violento.

<sup>22</sup>Sobre essa idéia na vida da cidade, ver Lefebvre (1969, p.11).

<sup>23</sup>Ex-jogadores profissionais de futebol do Internacional de Porto Alegre da década de 70, período em que o clube acumulou inúmeros títulos gaúchos e brasileiros. Atualmente são, respectivamente, técnico e dirigente de futebol profissional.

<sup>24</sup>Usam comumente os termos "...jogar em casa..."



(quando jogam na praça) e "...jogar fora de casa..."(quando jogam em outro campo). Tratando a praça como a sua casa, raramente jogam em outros locais.

<sup>25</sup>Referia-se a um período em que supostamente havia um *ponto* de tráfico de drogas na praça.

<sup>26</sup>Processo democrático desenvolvido pela Prefeitura de Porto Alegre, no qual as comunidades têm uma via de acesso (poder decisório) ao poder público para fazer suas reivindicações.

<sup>27</sup>O grupo não atribuiu a si próprio nenhuma denominação.

<sup>28</sup>Não há uma data definida da fundação, mas, conforme informações dos mais antigos, o grupo existe há entre 15 e 18 anos, tendo prevalecido dentre as opiniões os 15 anos.

<sup>29</sup>Organizam-se numa Associação, para a qual cada um paga mensalmente R\$4,00, recursos utilizados para gastos com materiais esportivos como bolas, redes, camisetas que utilizam para diferenciar os times, etc.

<sup>30</sup>Não puderam informar-me o número exato de integrantes do grupo, tendo em vista a frequência que é instável. O número 40, de forma aproximada, refere-se àqueles que têm se mantido em atividade sistematicamente.

<sup>31</sup>Uma das linhas laterais é determinada por uma cerca, a qual a bola precisa ultrapassar para ser considerada fora de jogo (mesmo a bola batendo na cerca, o jogo tem continuidade); a outra é determinada por duas árvores que, estando dentro do campo -já que a bola continua em jogo mesmo batendo nas árvores -, são as referências para uma linha imaginária (paralela às árvores) que determina este limite do campo.

<sup>32</sup>Eventualmente um dos times utiliza camisetas verdes sem numeração (pertencentes ao grupo) e os demais jogam sem camiseta ou - para diferenciar as equipes - com cores diferentes do verde.

<sup>33</sup>São poucos os participantes que utilizam materiais com alguma sofisticação, como caneleiras, tênis de marcas reconhecidas, ataduras. etc. Muitos jogam sem usar meias e sem camiseta.

<sup>34</sup>Tratei aqui por *torcedores* aqueles que estão fora de campo por já terem jogado ou esperando seu momento de jogar.

<sup>35</sup>Observei apenas uma vez esse tipo de *excesso*.

<sup>36</sup>No sentido da possibilidade de obter sucesso em algumas ações na disputa com os outros no jogo.

<sup>37</sup>Quem determina a formação das equipes são normalmente os mais velhos.

<sup>38</sup>E o time que, tendo sido vencedor do jogo anterior, continua em campo para outra partida.

<sup>39</sup>Presenciei uma reunião entre alguns dos líderes do grupo em que, percebendo as suas diferenças no que se refere ao nível sócio-econômico, preocupavam-se em organizar os próximos almoços com cardápios acessíveis a todos.

<sup>40</sup>Na praça, funciona uma *Unidade Recreativa* da Secretaria de Esportes do Município.

<sup>41</sup>Sobre possibilidades epistemológicas das interpretações etnográficas, ver Casal (1996).

---

#### UNITERMOS

*Esporte; cultura; lazer; cotidiano urbano; etnografia.*

*\*Marco Paulo Stigger é professor assistente na Escola de Educação Física/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atualmente em estudos de Doutorado na Universidade do Porto em Portugal.*